

## A Lei como ritual: o fim invisível da Ordem Escravagista

Por: Erik Zannon<sup>1</sup>

Há datas que não pertencem apenas ao calendário, pertencem a uma espécie de corrente subterrânea do tempo, onde a história não anda, ela se transforma. O 13 de maio de 1888, nesse sentido, não é um ponto, é uma passagem. Um tipo de dobra silenciosa na realidade política do Brasil, onde algo antigo termina não com ruído, mas com uma espécie de suspensão luminosa.

Sob a aparência de ato jurídico, há um gesto que parece ter outra natureza, quase litúrgica. Como se a própria estrutura do Estado imperial tivesse chegado a um limite interno de coerência e, dentro de suas próprias engrenagens, produzido a chave da sua transformação.

No centro desse ciclo, Dom Pedro II não aparece apenas como soberano histórico, mas como figura de contenção do tempo. Há uma imagem possível, mais simbólica do que literal, de um império que envelhece de maneira consciente, como se percebesse, antes dos outros, que certas formas de mundo não desaparecem. Elas se retiram gradualmente da matéria do real. As falas do Trono, vistas sob essa lente, parecem ecos de uma arquitetura espiritual do Estado, onde política e destino ainda não estavam completamente separados.

E então surge a Princesa Isabel como ponto de convergência desse movimento. A assinatura da Lei Áurea deixa de ser apenas um ato político e passa a se assemelhar a um selo, como se uma etapa inteira da história brasileira tivesse sido fechada por dentro, não por ruptura, mas por transfiguração. Não há destruição visível. Há encerramento de ciclo.

O abolicionismo, nesse plano mais profundo, não é apenas ideologia ou disputa parlamentar. Ele se comporta como uma força de alinhamento histórico, atravessando vozes, consciências e sensibilidades. Em José do Patrocínio há a urgência do verbo como incêndio. Em Machado de Assis há a consciência silenciosa de que toda estrutura humana contém fissuras ocultas, e que o tempo trabalha nelas com precisão quase invisível. São duas formas diferentes de perceber o mesmo deslocamento. Algo no mundo já não sustenta a si mesmo da mesma forma.

Há também os corpos coletivos que a história formal descreve, mas não esgota. A chamada Guarda Negra, formada por libertos e capoeiristas, pode ser lida, nesse registro simbólico, como um tipo de fenômeno de transição social. Uma reação instintiva do tecido humano quando antigas hierarquias começam a perder densidade e novas ainda não se solidificaram. Como se o próprio corpo social buscasse proteção no instante em que o chão muda de consistência.

A Lei Áurea, então, não é o início da liberdade nem o fim da escravidão no sentido absoluto. É o momento em que uma estrutura deixa de ser sustentada pelo mundo visível. O que cai não é apenas uma instituição, mas uma forma antiga de organizar o peso da realidade. E, nesse instante, algo curioso acontece. O tempo político se abre.

A monarquia não parece ruir. Ela parece cumprir um percurso interno. Como se carregasse em si uma lógica de amadurecimento que, ao atingir seu ponto máximo, já não pudesse permanecer na mesma forma. A mudança que se segue não é simples

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências Políticas pela Universidad Europea del Atlántico

substituição de regimes, mas deslocamento de eixo. Uma reorganização mais profunda do imaginário de Estado.

A República que emerge depois não apaga esse momento. Ela orbita ao redor dele. Como se o 13 de maio tivesse deixado no tecido do país uma espécie de marca invisível, um limiar onde uma ordem inteira se encerra sem desaparecer, e outra começa sem ainda saber plenamente o que é.

No fundo, talvez seja isso o que torna essa data tão singular. Ela não pertence ao passado. Ela permanece como um intervalo ativo, um espaço entre mundos.

Um instante em que o Brasil, por um breve momento histórico, parece ter sido atravessado por algo maior do que a política. Algo que lembra mais a lógica dos ciclos, das passagens e das transformações silenciosas que governam o tempo quando ele deixa de ser apenas cronologia e se torna destino.

Referências bibliográficas:

